



O USO DO CELULAR NA APRENDIZAGEM: A ESCALA DE VALORES DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR

Simone Silva Cunha
mone_fenix@yahoo.com.br
UNINTER

Resumo: Vivemos constantes mudanças na sociedade. São novas formas de gerenciar, produzir bens, de se divertir e até de se relacionar; de ensinar e de aprender. O ensino e a aprendizagem atuais, numa sociedade pautada pelos paradoxos da modernidade, principalmente os tecnológicos, exigem mais flexibilidade e objetivos educacionais mais claros, maior integração entre os atores dos espaços escolares, mais pesquisa e abertura para comunicação. Assim, este artigo foi tecido a partir de alguns fios que puxei das tramas que me constituem, experiências de formação e de atuação profissional que me levaram a entrançar questões relacionadas ao trabalho com valores e as tecnologias, principalmente o celular, dentro dos espaços escolares. A educação pautada em valores é primordial para a formação do sujeito porque permite vivenciar práticas e procedimentos relacionados a imperativos legitimados socialmente, que contribuem para formar cidadãos cientes de que a valorização das regras que regem a organização das relações em grupo são os pilares para que a sociedade repense sua condição humana. A utilização de algumas tecnologias como instrumento pedagógico tem se constituído como ferramenta importante que tem contribuído para o desenvolvimento do trabalho com valores, dada a possibilidade de proporcionar maior interatividade, dinamismo e visibilidade do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas. Utilizar o celular/smartphone em sala de aula se transforma num elemento inovador de prática pedagógica, considerando que este artefato tecnológico adequa-se ao meio cultural do aluno,

transformando o cotidiano do mesmo. No que se refere a introdução do celular como meio para desenvolver o trabalho de valores, há um deslocamento das concepções de ensino/aprendizagem dentro da escola em direção a outras concepções, em que conhecimento, cultura e tecnologia se aproximam, na medida em que são pensados novos parâmetros teóricos/conceituais.

Palavras Chave: Celular - Valores - Tecnologia - Educação -

1. INTRODUÇÃO

Vivemos constantes mudanças na sociedade. São novas formas de gerenciar, produzir bens, de se divertir e até de se relacionar; de ensinar e de aprender. De acordo com os princípios educacionais do artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96, o ensino a ser ministrado tem o foco nos conteúdos acadêmicos e nos conteúdos éticos, emocionais, ou seja, um ensino que contribua para que o educando construa sua identidade, desenvolva habilidades de compreensão, de partilha e de altruísmo.

A educação pautada em valores é primordial para a formação do sujeito porque permite vivenciar práticas e procedimentos relacionados a imperativos legitimados socialmente, que contribuem para formar cidadãos cientes de que a valorização das regras que regem a organização das relações em grupo são os pilares para que a sociedade repense sua condição humana.

Sobre os valores essenciais para a formação do aluno, Sabini (2002) nos diz que “[...] o indivíduo torna-se inteiramente humano através das interações e do envolvimento com outras pessoas [...]”. Tanto na área de lazer, como na produção de trabalho e na vida em comunidade o individualismo impera e esses conceitos não são recomendáveis para a construção de um mundo pautado na verdade e na justiça social. Essa é uma problemática sobre a qual a escola deveria também refletir. A introdução de valores no currículo escolar está relacionada com a melhoria do ensino. Sob essa perspectiva, Álvarez (2004) nos diz que:

[...] relacionar educação com valores tem muito a ver com a qualidade de ensino. Qualidade não significa apenas mais salas de aula, mais bibliotecas, mais recursos tecnológicos, mais laboratórios – aspectos estes quantitativos e mais caros -, mais também uma educação em valores humanos, embora seja a parte mais barata e às mais altruísta da educação.

O “ter” tornou-se primordial na vida de muitas pessoas. Os princípios de solidariedade, cooperação e fraternidade estão cada vez mais longínquos das formas de sociabilidade humana. Muitas dessas mudanças contribuem para que o ser humano isole-se cada vez mais. Com essa dinâmica de vida pautada na lógica de reprodução capitalista, na qual o pressuposto básico é a dominação e a exploração do homem pelo homem, o ter em detrimento da essência humana, as relações familiares e a formação das pessoas ficam cada vez mais comprometidas. Relega-se a escola, como espaço de convivência comunitária, a responsabilidade dessa formação do indivíduo.

Os debates sobre essa problemática não estão pautados apenas na definição de papéis em relação à formação dos indivíduos, mas sobre estratégias que possam contribuir para resgatar e alicerçar valores que contribuam para práticas de autoconhecimento e de convivência que irão possibilitar aos educandos fazer suas próprias escolhas e nesse sentido, Werneck (2003) nos diz que “noção de valor não se restringe, pois somente à moral ou ao econômico; é muito abrangente, podendo ser aplicada a tudo que vale para o homem”.

A formação de valores busca construir novos modelos de sociedade, através da lógica do resgate da ética, da solidariedade, da justiça e, com isso, tornar os seres humanos mais felizes, criativos e transformadores. Para Martinelli (1999):

[...] os valores integram o conhecimento, a família, a escola, e a vida em sociedade, vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida construindo uma consciência da ética e da estética do bem.

O ensino e a aprendizagem atuais, numa sociedade pautada pelos paradoxos da modernidade, principalmente os tecnológicos, exigem mais flexibilidade e objetivos educacionais mais claros, maior integração entre os atores dos espaços escolares, mais pesquisa e abertura para comunicação. Não é apenas a técnica de ensino que muda, incorporando uma nova tecnologia. É a própria concepção de ensino que precisa ser repensada. De acordo com Moran (2000):

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando.

Mas, como desenvolver um ensino em valores, numa sociedade pautada pela ambição de bens materiais, pela competitividade e para uma geração interconectada com equipamentos e recursos além dos disponíveis na escola? Trabalhar com os alunos sob essa perspectiva é um desafio por exigir dos professores uma formação que os permita ensinar os elementos que compõem a estrutura da essência maior dos alunos, que os tornam seres humanos, diferente de outros seres. É levar os professores a compreensão de que a emoção, os sentimentos são valores que favorecem a ampliação da capacidade de percepção, libertam a pessoa de práticas de individualismo, dissolvem preconceitos e diferenças, propiciam a fraternidade, favorecendo a práxis pedagógicas que auxiliarão na construção de alunos conscientes e críticos, para além da passividade que os recursos tecnológicos muito das vezes os levam. Sob essa perspectiva, concordando com Martinelli (1999):

Os valores não devem ser encarados como algo abstrato ou estanque, nem como um código de conduta imposto de fora para dentro. A educação em valores na família e na escola deverá incrementar a capacidade de discernimento dos alunos a conscientização da importância de suas escolhas. Assim, a educação consolida os valores e virtudes já existentes nos alunos e incentiva a superação de erros e defeitos.

Assim, este artigo foi tecido a partir de alguns fios que puxei das tramas que me constituem, experiências de formação e de atuação profissional que me levaram a entrançar questões relacionadas ao trabalho com valores e as tecnologias, principalmente o celular, dentro dos espaços escolares. Para Moran (2000) o aprendizado ocorre melhor quando

[...] vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços, entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido.

2. O DESAFIO DE FORMAÇÃO DE VALORES NUMA ESCOLA CONECTADA

Na sociedade contemporânea, a educação escolar busca promover igualdades de oportunidades, construir cidadania, formar a consciência crítica, desenvolver práticas democráticas. No campo educacional, o professor deve significar as teorias através das tecnologias e conhecer os recursos e fontes destas ferramentas para que possa ajudá-lo na reconstrução de seu conhecimento acadêmico de forma a favorecer novas práticas pedagógicas cotidianas.

O desafio do professor num trabalho com valores é fazer uma reflexão sobre aspectos da realidade e intervir para construir e transformar as ações. Sobre o papel do professor, Cruz (2005) afirma que:

[...] é importante que ele tenha consciência do poder que tem nas mãos e do uso que possa fazer disso. É necessário que ele passe por um processo de autoconhecimento, em que reveja sua história pessoal, reavalie suas experiências, perceba suas limitações e virtudes para poder atuar com as crianças, levando em conta a dimensão de cada uma delas.

Entendemos que o ensino pautado em valores não deve ser introduzido na escola como uma disciplina, mas como uma conexão com temas e conteúdos ensinados. A socialização deve ocorrer à luz dos valores e as situações vivenciadas, fazendo-se intercâmbios interdisciplinares e transdisciplinares com cada área do conhecimento, ampliando também para os temas transversais. É importante, também, analisar os diversos aspectos da realidade com o intuito de fazer novas criações. É preciso associar o conhecimento pedagógico com a escala de valores. Martinelli (1999) sugere que o trabalho de valores não seja fragmentado, mas dentro de uma proposta multidisciplinar:

A disciplinaridade criou métodos dirigidos para o conhecimento de assuntos bem específicos. A interdisciplinaridade interliga métodos de uma disciplina a outra. A transdisciplinaridade é uma visão integrada do conhecimento que amplia as dimensões dos conteúdos de cada disciplina para uma compreensão integral da vida. Ao focar um tema, o professor deve mostrar os elos de ligação com outras informações e áreas de conhecimento, além de tratar a transcendência e englobar as áreas de ciências, artes, filosofia, permeando-as de valores.

As opções para adquirir conhecimentos além do quadro branco, explanação do professor e livros didáticos são muitas. A explosão de artefatos tecnológicos modernos contribuiu para facilitar os trabalhos quanto o entretenimento. Como a tecnologia já é uma realidade, a maioria dos alunos, antes mesmo de entrar na escola, já teve contato com diversos equipamentos tecnológicos sofisticados, coloridos, que encantam e contagiam, principalmente os celulares. Para os alunos, a relação com os celulares se torna prazerosa. Eles apresentam mensagens, de modo que operam sensações imediatas de alegria, de afeto, de sentimentos. Ao mesmo tempo, o celular, em especial os *smartphones*, contribui para formas não convencionais de educação. O contato com os celulares permite que os alunos façam uma leitura de mundo e, quando chegam à escola, trazem experiências vivenciais concretas.

Com a presença da tecnologia existente nos celulares atuais, chamados de *smartphones*, constata-se a ocorrência de novas formas de convivência e assim sendo, é necessário que a escola repense o processo de educação, tendo por base acompanhar os novos valores culturais que se encontram gerados no contexto educativo contemporâneo, utilizando novas metodologias tanto na forma como na transmissão de conhecimentos.

Nesse contexto, nos reportamos ao texto da Unesco (2011), em seu Relatório da Reunião de Consultoria Especializada, que recomenda a máxima utilização do celular pelos professores. Utilizar o celular/*smartphone* em sala de aula se transformaria num elemento inovador de prática pedagógica, considerando que este artefato tecnológico adéqua-se ao meio cultural do aluno, transformando o cotidiano do mesmo.

De acordo com Sayad (2005), os parâmetros para uso do celular dentro dos espaços escolares favorecem a integração “educador e educando no desenvolvimento de produtos de comunicação”, permitindo “múltiplos olhares do plano pedagógico da educação”. Martín-

Barbero (2013) nos mostra que tais escolhas de procedimentos conduzem a melhoria da “gestão do ambiente escolar” a partir da ampla participação dos educandos. Nessa perspectiva, o objetivo é permitir que os alunos participem ativamente da construção do conhecimento. Dessa interação adquirem valores, normas, crenças, costumes e conhecimentos da sociedade em que vivem.

Segundo Bauman (2006, *apud* SILVA, 2007), o celular é “uma tecnologia emblemática da compreensão espaço tempo denominado artefato simbólico da contemporaneidade ou artefato da “era da modernidade”. Apontado por esse mesmo autor como uma tecnologia de dominação, o celular pode ser caracterizado como um objeto cultural da era da instantaneidade. Douglas e Isherwood (2004, *apud* SILVA, 2007) afirmam que esse artefato possui não somente caráter simbólico, agregado a uma função utilitária, mas significado em meios dos sistemas de comunicação.

Moran (2005) assinala ser o celular a tecnologia que mais tem surpreendido nos dias atuais, “[...] é o móvel que rapidamente incorporou o acesso à internet, à foto digital, aos programas de comunicação (voz, TV), ao entretenimento (jogos, músicas-mp3) e outros serviços”. Deve-se observar que o desenvolvimento tecnológico que se processou nas empresas fabricantes de celulares não foi somente imenso, como também por sua massiva produtividade conseguiram cotações abaixo do preço real de mercado, possibilitando a quem não possuía grande poder aquisitivo adquiri-lo. Nesse sentido, como objeto de consumo, o celular promove uma “distinção de classes” dentro dos espaços escolares. Seu valor é mensurado não pela sua necessidade de uso, mas pelo “*status*” que dá aqueles que o possuem. Quanto mais moderno e mais cheio de recursos (aplicativos), maior a exclusão criada por ele. Mas como se dá a construção de valores, sob a perspectiva da utilização do celular nos espaços escolares?

Werneck (2003) nos diz que “o processo de busca e de apreensão do valor não ocorre, no entanto de maneira objetiva. Nele interfere a subjetividade, intervindo nos seus fins.” Assim sendo, podemos dizer que o celular, numa escala de construção de valores dentro da escola, constitui-se não somente em uma ferramenta de exclusão social, sendo considerado o oposto, como ferramenta de inclusão social, auxiliando na democratização do saber. Ainda nos reportando a Werneck (2003):

O valor vem sempre unido a um ser singular que lhe serve de suporte, empana seu brilho e dificulta seu reconhecimento. É tarefa da educação levar o educando a distinguir entre o valor, o não-valor e o contravalor e a buscar e apreender o que realmente vale, por corresponder a sua necessidade. Pode-se então dizer que o valor tem de ser descoberto e reconhecido, já que se apresenta mascarado, disfarçado, encoberto e velado pelo ser. Não sendo a necessidade de realização do sujeito satisfeita pelo ser, mas sim pelo valor, torna-se fundamental o aprendizado da sua busca e a distinção entre as duas instâncias.

Pautado nestes postulados, a escola não deve ter apenas a intenção de ministrar o ensino de valores aos alunos, mas sim de resgatar virtudes já existentes e incentivar práticas de boa convivência, proporcionar a reflexão sobre uma consciência ética, pois os valores não são impostos como um código de conduta, mas como um incentivo a refletir para que os alunos possam fazer melhor suas escolhas. O desafio no ensino pautado em valores é a intervenção para construir e transformar ações.

Se na maioria das vezes, a sociedade apresenta limites quanto à política de inclusão digital, o valor do uso celular seria a mais efetiva ferramenta de socialização, principalmente para os estudantes de escolas públicas, proporcionando liberdade na transmissão de dados e

interação constante entre duas ou mais pessoas ou grupo na própria sala de aula, arrefecendo assim a perspectiva da prática de individualidade que muitas das vezes afasta os alunos do interesse pelo universo escolar. Perante essa perspectiva, nos reportamos a Contijo *et al* (2008), que nos mostra que a nova configuração do ensino pelo celular:

[...] aumenta a velocidade de transformações de informações, de idéias [...], a capacidade de dados possibilita a profusão de armazenamento de dados possibilita a profusão da divulgação de textos na íntegra, acervos de museus, conteúdos catalogados de grandes bibliotecas, filmes, músicas, não importando o tamanho dos arquivos.

3. A LEGISLAÇÃO VIGENTE E O CONTRAVALOR DO USO DO CELULAR

Sabemos que o homem contemporâneo, envolvido com tanta tecnologia e globalização, acaba declinando para os fatos nem sempre importantes da vida cotidiana. Nossa educação é pautada com o propósito de nos fazer competir e ascender profissionalmente. A nossa sociedade é movida pela ambição dos bens materiais. A busca da felicidade está no acúmulo de riqueza; os resultados desse cenário são injustiças, conflitos, guerras, tristeza, egoísmo e desamor.

Segundo pesquisa recente da Teleco, empresa que presta serviços sobre Telecomunicações e Internet, o Brasil terminou junho de 2015 com 282,5 milhões de celulares e densidade de 138,23 celulares a cada 100 habitantes. Sob esse prisma, a espantosa presença do aparelho em nossa sociedade é algo que ultrapassa os perfis modernos de uma “cultura de consumo” perfazendo uma presença utilitária agregada à identidade do próprio indivíduo.

Nesse cenário, o uso do celular dentro dos espaços escolares, como já citamos, reforça a distinção de classes e a projeção de “*status*” para aqueles que possuem os aparelhos mais modernos e repletos de aplicativos. Além dessa exclusão digital que os celulares acabam promovendo, seu uso tornou-se um grande problema dentro das escolas, pois os alunos, de forma indiscriminada, passam não somente a atender ligações em sala de aulas, como também a produzir suas ligações, infringindo a ética existente nos espaços escolares. Se por um lado, a tecnologia serve de apoio às ações educacionais, por outro o seu uso exacerbado se torna um empecilho.

Diante desse panorama, em 2008, foi promulgada a lei nº 5.222 que proíbe o uso do celular nas salas de aula das escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro. O projeto de lei que originou a norma diz que o uso do celular pode:

- Desviar a atenção dos alunos;
- Possibilitar fraudes durante as avaliações;
- Provocar conflitos entre professores e alunos, e alunos entre si, influenciando o rendimento escolar.

O que temos, a partir da lei promulgada, é um duplo contravalor no uso do celular. Se é possível democratizar o acesso a inclusão digital pelos alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas, restringir seu uso, especialmente em escolas públicas, só favorece a exclusão dos que já se encontram excluídos na grande aldeia global que vivemos. De outra parte, nega a possibilidade da escola sair de si mesma, de extrapolar os muros que a cercam

na medida em que outros saberes podem ser compartilhados na interação e trocas entre os alunos, o que propicia um retrocesso nos padrões de ensino que possibilitem a produção e o compartilhamento de conhecimentos, através da socialização entre eles.

Há diferenças entre a discussão das formas e dos modos de fazer uso de tecnologias em espaços coletivos e sua exclusão. A escola tem o dever de humanizar e educar cidadãos, posicionando-se por vezes no fio da navalha entre exercer a autoridade e ser autoritária. Não é imprescindível criar uma lei para disciplinar o uso desses aparelhos nas escolas, pois as determinações sobre essa questão podem constar do regimento interno e do projeto político-pedagógico.

Devemos nos lembrar que o espaço da escola é um espaço público. A luta deveria ser, portanto, pela garantia do acesso igualitário, ao consumo e uso reflexivo do celular, problematizando-se assim as representações sociais nele existentes. Conforme afirma Werneck (2003): “Quanto mais desenvolvido, mais educado, mais instruído, mais decide o sujeito sobre a sua escala de valores e, assim, sobre sua produção cultural.”

4. CONCLUSÕES

A educação pautada em valores é primordial para a formação do sujeito porque permite vivenciar práticas e procedimentos relacionados a imperativos legitimados socialmente, que contribuem para formar cidadãos cientes de que a valorização das regras que regem a organização das relações em grupo são os pilares para que a sociedade repense sua condição humana.

A inserção de valores humanos contribui para a aprendizagem de condutas sociais. Nesse sentido, é preciso ir além do desempenho técnico de ensinar. Associar conhecimento pedagógico e cultural com capacidade de expressar sentimentos. No que se refere a introdução do celular como meio para desenvolver o trabalho de valores, há um deslocamento das concepções de ensino/aprendizagem dentro da escola, nas quais o livro e ela própria se configuram como únicas possibilidades de aquisição de conhecimento e cultura em direção a outras concepções, em que conhecimento, cultura e tecnologia se aproximam, na medida em que são pensados novos parâmetros teóricos/conceituais.

5. REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. N. *et al.* Valores e tema transversais no currículo – volume 5. Porto Alegre: Editora Penso, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em 10 abr.2016.

CONTIJO, S.; PINHO, M.; MONTEIRO, E.; D'ANGELO, M.. A escola por dentro dos meios. Rio de Janeiro: Planetapontocom, 2008.

CRUZ, M.; C. M. T. Para uma educação de sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos. 2005. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-21052006-233605/publico/AEDUCACAODASENSIBILIDADE.pdf>>. Acesso em: 23 maio. 2016.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 7ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ: 2013.



- MARTINELLI, M. Conversando sobre educação em valores humanos. 3ª ed. São Paulo: Peiropólis, 1999.
- MORAN, J. M. Para onde caminhamos na educação? São Paulo: USP, 2005. Disponível em: < http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_inovadora/caminhamos.pdf> Acesso em 04 jun. 2016
- MORAN, J. M.; MASSETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus, 2000.
- RIO DE JANEIRO. Lei nº 5.222 de 11 de abril de 2008 que dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular e outros aparelhos nas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro.
- SABINI, M.A. C. Construindo valores humanos na escola. 2ª ed. São Paulo: Papirus, 2002.
- SAYAD, A. L. V. Museu de Novidades – Comunicação, Educação e Participação para uma educação pública de qualidade. In: Educomunicar, p.6-7, 2005. Disponível em: < http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/06/educomunicar_rede-cep.pdf> Acesso em 01 jun. 2016.
- SILVA, Beatriz Nunes Santos. O cinema na sala de aula: um caminho para formação. In: Espaço Acadêmico, Maringá, PR, n. 93, fev 2009. Disponível em: < <http://www.espacoacademico.com.br/093/93silva.htm>> Acesso em 10 maio. 2016.
- TELECO. Estatísticas de celulares no Brasil. Banco de dados, 2015 Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>> Acesso em 25 abr.2016.
- UNESCO. TICs acessíveis e ensino personalizado para alunos com deficiências: um diálogo entre educadores, indústria, governo e sociedade civil. Disponível em: < http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/accessible_ict_students_disabilities_pt.pdf> Acesso em 04 jun. 2016.
- WERNECK, V. R. Cultura e Valor. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.